

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Veja Class.: Madeira / Camp. Mogno
 Data: 03/03/93 Pg.: 57 136



Índios caiapós: carros, aviões e tratores com o dinheiro do mogno exportado

com a mata, como verdadeiros deuses das florestas, com total respeito pelo meio ambiente que lhes garantia a sobrevivência alegre e sadia. Tudo balela.

PRESSÃO DO EXTERIOR — Fazia-se vista grossa sobre o intercâmbio de mogno por dólares. Há dois anos, a Funai chegou a propor que se criasse uma empresa para os caiapós venderem madeira. É curioso, mas foi preciso que a pressão viesse do exterior para que a floresta brasileira fosse preservada. Os consumidores ingleses começaram a boicotar a madeira vinda de reservas indígenas. No fim do ano passado, dirigentes da Timber Trade

Corporation, entidade britânica que reúne importadores de madeira, veio ao Brasil para assinar um acordo com madeireiras do Pará, no qual se vetou o comércio do mogno caiapó.

O que fez mesmo parar a devastação nas reservas foi a presença de fiscais do governo nas proximidades das áreas caiapós por força da ordem judicial. Nessa situação, os índios se sentiram ameaçados. "O problema é que os caiapós precisam de muito dinheiro para manter seu padrão de consumo", diz Márcio Santilli. "Isso não acontece com nenhuma outra tribo." A dúvida agora é saber se a fiscalização vai continuar ou se os índios vão voltar a desmatar em paz. O ministro do Meio Ambiente, Coutinho Jorge, vai à Inglaterra nesta semana, onde deve conversar com os importadores de mogno. "Vamos manter um controle sobre a exportação do mogno", diz o ministro. Se depender da Funai, os caiapós podem ficar tranqüilos. "Não temos estrutura para fiscalizar as aldeias", diz Wilson Teixeira Souza, chefe de gabinete da presidência da Funai. O grande problema, porém, é outro: o que fazer para garantir a subsistência dos índios brasileiros semi-aculturados. Eles não podem ser abandonados à própria sorte nas periferias das cidades nem podem ser incentivados à predação por uma política permissiva em relação a seu modo de vida.

AMBIENTE

Floresta de contradições

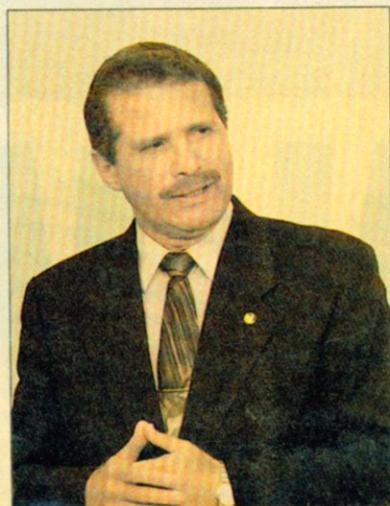
Os caiapós, que já foram símbolo da pureza ecológica, agora exigem o direito de desmatar suas terras

Os 2 000 índios caiapós, que vivem no Pará, chegaram a faturar 10 milhões de dólares a cada ano na década de 80, ao permitir que madeireiras explorassem suas reservas de mogno, a madeira brasileira mais valorizada na Europa. Com esse dinheiro, compraram aviões, tratores e carros do ano. O padrão de vida dos caiapós está em perigo. É que o comportamento antiecológico da tribo finalmente está sendo combatido pelo governo e pelos ambientalistas. Recentemente, uma ação judicial movida pelo grupo Núcleo dos Direitos Indígenas obrigou o governo federal a espalhar fiscais pelo Pará e destruir aeroportos clandestinos. A ação impede a retirada ilegal de mogno de três reservas nas vizinhanças do núcleo caiapó, no sul do Estado. Contrariados com a tentativa de se proteger o mogno, os caiapós foram a Brasília às vésperas do Carnaval para exigir o direito de devastar as terras onde vivem. Foram recebidos pelo presidente Itamar Franco, a quem fizeram duas propostas: ou o governo liberava o corte da madeira ou daria uma indenização de 50 000 dólares mensais para cada uma das dezesseis aldeias da região. Como a primeira proposta é ilegal e não há dinheiro

para bancar a segunda, o governo ficou de estudar uma outra solução.

"Existe uma relação de dependência dos índios com as madeireiras", acusa Márcio Santilli, secretário executivo do Núcleo de Direitos Indígenas. "Acreditamos que as madeireiras patrocinaram a viagem dos índios a Brasília", diz. O Greenpeace, uma das mais tradicionais entidades ecológicas, também condena o comportamento dos caiapós. "As madeireiras ainda exploram a mão-de-obra barata dos índios para a derrubada do mogno", afirma Kido Guerra, do Greenpeace. Até bem pouco tempo, era uma raridade ver um ecologista apontando o dedo para os caiapós. A tribo conseguia vender a imagem de protetora do meio ambiente e seus caciques receberam prêmios internacionais por isso. Comentava-se que eles viviam em harmonia

Coutinho Jorge: promessa de controle sobre a madeira



MACHIEIRA MARIZ